

A leitura das mídias digitais, a cultura digital e a escola

*João Victor Fiorot

Introdução

A inserção das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na vida em sociedade como um todo não pode ser ignorada. As ações cotidianas, para tantos âmbitos da vida humana quanto se puder pensar, têm sido progressivamente perpassadas pelo uso de dispositivos conectados à internet — entretenimento, trabalho, socialização etc. A educação, também influenciada pela presença das TIC, não recebe (ou não deveria receber) passivamente as consequências do uso e desenvolvimento desses dispositivos e serviços tecnológicos, mas antes, pode influenciar os indivíduos, enquanto sociedade, na maneira como entendem, utilizam e consomem as TIC. E as escolas podem representar um papel essencial nesse contexto.

A própria Base Nacional Curricular Comum prevê que esse assunto deve fazer parte dos currículos escolares de todo o país, trazendo para o vocabulário pedagógico o verbete “cultura digital”. A Base nos mostra que

A cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, tablets e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. (BRASIL, 2018, p. 61)

Entretanto, as tecnologias digitais ainda encontram inúmeros desafios para adentrar efetivamente a rotina escolar, não obstante a relevância e os benefícios para a formação de alunos e professores sejam evidentes.

O letramento digital e a leitura crítica das TIC

O mundo digital se desenvolve através de várias dinâmicas de leitura e produção de significado que vão além da simples decodificação de letras e números. Portanto, é importante para a participação plena da cultura digital que o indivíduo seja capaz de ler, mas não apenas em sentido tradicional, visto que a leitura das TIC se dá através de um espaço novo e tecnológico: o ciberespaço.

Nesse contexto, Santaella nos diz que “precisamos dilatar sobremaneira nosso conceito de leitura, expandindo esse conceito do leitor do livro para o leitor da imagem e desta para o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem” (SANTAELLA. 2004. P. 16-17).

Dessa forma, se a escola pretende inserir de fato as TIC em seu cotidiano curricular visando ampliar as condições de participação dos seus alunos de maneira cidadã nesse espaço, é preciso trabalhar com o letramento digital, não apenas dos alunos, mas também dos professores.

Por letramento digital, Borges (2016) afirma ser o

Conjunto de conhecimentos envolvidos em práticas linguístico-sociais realizadas por mídias digitais. As práticas, por sua vez, envolvem, além de habilidades técnicas, habilidades de leitura, modos de interagir, comunicar, compartilhar e compreender o sistema de mídias como constituintes de um mundo contemporâneo e de suas práticas sociais.

Como fica claro, o letramento digital exige o desenvolvimento de determinadas habilidades. A leitura das mídias, então, especialmente no contexto escolar, visando a produção de conhecimento, não deve ser colocada como uma habilidade meramente técnica. O autor britânico David Buckingham afirma ainda que “as habilidades que as crianças precisam em relação à mídia digital não são só para a recuperação de informação [...] elas também precisam ser capazes de avaliar e usar informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento” (BUCKINGHAM, 2010, p. 49).

Esse estímulo à criticidade em relação ao conteúdo visto nas mídias digitais deve ser um caminho percorrido lado a lado por alunos e professores. Estes, ao assumirem uma função de mediação na sala de aula, assumem também o papel de estimuladores de diálogos, usando como ferramentas para tal sua formação acadêmica e repertório sócio cultural e ideológico, tendo assim, a capacidade, não apenas para fazer a curadoria do que os alunos precisam acessar, através do seu planejamento, mas também levando-os a desenvolverem a habilidade de avaliar a qualidade daquilo que lhes é apresentado através das TIC.

As limitações e dificuldades para lidar com as TIC na escola

Como é possível notar, na última década, as TIC não apenas evoluíram como também se popularizaram. O acesso a equipamentos que se conectam à internet é cada vez mais fácil e alcança pessoas dos mais diversos agrupamentos socioeconômicos, culturais, etários etc. Apesar disso, o uso

dessas tecnologias em escolas, especialmente das redes públicas, permanece bastante limitado, o que a pandemia do Covid-19 pôde evidenciar com muita clareza através dos noticiários de todo o país. Nesse contexto, o que foi percebido é que poucas foram as vezes em que a tecnologia nas escolas fora mostrada realmente como um facilitador do ensino remoto, ou que já fizessem parte da vida escolar de professores e alunos, auxiliando no cumprimento das tarefas e na manutenção de protocolos sanitários e de isolamento social. O que o quadro pandêmico evidenciou a respeito da dificuldade do uso de tecnologia na escola, em geral, nunca foi diferente.

Buckingham sugeriu, em 2010, possíveis causas para a não inserção da tecnologia em práticas pedagógicas — no Brasil, a realidade não mudou muito de lá para cá. O autor diz que “Parte do problema está na forma como tem sido alocado o investimento: a maior parte dos financiamentos tem sido em *hardware*, significativamente menos em *software* e menos ainda em treinamento de professores” (BUCKINGHAM, 2010, p. 40 e 41).

Em outras palavras, os equipamentos (*hardwares*) são levados às escolas, mas isso não acontece com programas (*softwares*) que auxiliem práticas de ensino, o que faz com que os *hardwares* sejam subutilizados. A situação se agrava ainda mais ao pensarmos que professores chegam a receber esse material tecnológico para trabalho, mas sem um treinamento adequado de como usá-lo. Subentende-se então que os recursos tecnológicos até chegam às escolas, mas ficam parados por falta de preparação dos profissionais que farão sua aplicação prática.

Em 2013, o tema foi abordado pela pesquisa “O caminho de uma escola digital”, que entrevistou professores sobre o uso de tecnologias em sala de aula e constatou-se que

A maioria dos professores abrangidos pelas entrevistas refere ter frequentado a formação promovida pela própria escola, centrada especificamente no uso e exploração do quadro interativo. A esmagadora maioria destaca, no entanto, não ter formação específica ao nível da utilização pedagógica das tecnologias, não se sentindo por isso confortável para planejar e dinamizar atividades de ensino para além do que pode ser feito com o quadro interativo (Costa, F. A., Rodriguez, C., Cruz, E., Gomes, N., Santos, C., Viana, J. & Fradão, S, 2013, p. 453).

Visto que ainda hoje essas limitações permanecem não totalmente superadas para a maioria das instituições de ensino, especialmente as públicas, podemos perceber que a escola, ainda que tenha um grande potencial de influência para beneficiar a sociedade, auxiliando na inserção plena de pessoas na cultura

digital e também estendendo sua capacidade formativa para os âmbitos práticos da vida social, tornando o conhecimento algo mais palpável, funcional e, portanto, significativo, entrega resultados insuficientes no que diz respeito ao trabalho com as TIC por causa das limitações mencionadas.

Por fim, se pensarmos nesses empecilhos com afinco através da própria semântica do termo “tecnologia da informação e comunicação”, perceberemos que a capacidade de articular a linguagem para *informar* e *comunicar*, como um traço essencialmente humano, está sendo trabalhada nas escolas fora do conceito da cultura digital em um panorama cujas as tecnologias desse tipo se tornam cada vez mais ubíquas. Isso nos leva à seguinte reflexão: poderá um estudante concluir seus anos escolares sendo totalmente formado fora da cultura digital em um mundo que já não impõe mais barreiras ao que é digital e o que não o é?

A escola pode ter um papel essencial para que os alunos alcancem mais este fator de inserção social, que de forma alguma deve ser encarado como privilégio, mas como uma premissa básica para a vida contemporânea em sociedade.

Ludicidade não é sinônimo de aprendizagem

De maneira global, há uma indissociabilidade da cultura digital para aquilo que pode ser entendido como cultura não digital. As TIC não apenas registram e reproduzem artefatos culturais através da comunicação e informação, mas também produzem realidades culturais inteiramente novas. Surge, então, uma nova forma de exclusão social. Daí a necessidade nas últimas décadas de se debater sobre o tema da inclusão digital, por exemplo. A escola e seus atores podem representar um papel fundamental na inclusão de diversas pessoas nesse universo propiciando sua participação efetiva nele de maneira cidadã. Isso não poderá acontecer enquanto as TIC forem usadas alienadamente apenas pelos seus aspectos técnicos — é preciso ter uma abordagem crítica.

Assim, as TIC aplicadas à sala de aula devem ir além de atualizações anódinas daquilo que o papel e a caneta já fizeram ao longo do desenvolvimento de saberes clássicos. É preciso que exista uma leitura das mídias de forma interativa, buscando conexões novas através de estratégias que engajem os alunos em sua busca e produção de conhecimento. Nesse sentido, Buckingham ainda afirma que a estratégia de “Embelezar os testes ou tabelas de multiplicação com um polimento do divertido é uma estratégia que a maioria das crianças percebe logo. É preciso um compromisso mais inteiro e mais crítico com as culturas digitais infantis” (BUCKINGHAM, 2010, p. 47). Em outras palavras, fazer nas telas o que

já é feito no papel com um verniz de “tecnológico” ou “moderno” não é o suficiente, é preciso usar as TIC no máximo de suas potencialidades.

Tal comprometimento com criticidade também deve ser feito em todas as faixas etárias da educação. Aplicar as TIC pedagogicamente pode envolver algum nível de ludicidade, mas apenas isso não garante que elas realizem todo o seu potencial de percepção e participação da cultura digital, fica evidente que é impossível que isso seja feito fora de um espectro de análises e leituras críticas não apenas do conteúdo propagado nas mídias digitais, mas das mídias em si.

Novas perspectivas: otimismo, mas nem tanto

Em suma, as TIC abrem uma gama de oportunidades de aprendizado que ainda estão por serem descobertas. O fato de poderem massificar conteúdo de qualidade e o distribuírem sem quaisquer entraves geográficos, embora ainda haja alguns socioeconômicos, é uma perspectiva animadora. Contudo, é preciso que ressalvas sejam feitas para que um trabalho pedagógico não se perca em utopias.

Um primeiro passo atrás deve ser dado no sentido de que, dificilmente, pode-se decretar o fim da escola como a conhecemos em nome do surgimento de outra completamente virtual e sem nenhuma barreira física. Existem cursos e modalidades que atendem satisfatoriamente esse tipo de ensino, mas assim como existem muitas formas de ensinar, existem também muitas formas de aprender e, portanto, deve haver também muitas formas de se pensar e fazer Escola.

A Escola não vai deixar de existir por causa das TIC — as instituições de ensino desempenham funções sociais e culturais que ainda não puderam ser superadas pela tecnologia. Contudo, é impossível ignorar que a super popularização das TIC criou uma dependência na sociedade contemporânea que possui alguns aspectos nocivos. Ainda assim, e justamente por isso, não faz sentido eliminá-las, ou ainda, evitar o seu uso, durante os momentos de aprendizagem na escola. Mas, é necessário vencer a barreira do entusiasmo superficial da inserção de tecnologia nos planos de aula e também as tentativas de aliar conhecimento pedagógico a entretenimento tecnológico e, em vez de fazer apenas isso, proporcionar uma compreensão crítica sobre as mídias digitais e seu uso.

A conclusão dessa pequena ressalva é que a questão da inserção de tecnologia no cotidiano escolar tem como cerne “[...] mais do que disponibilidade de equipamento, ou uma questão de habilidades técnicas: é também uma questão de capital cultural — a capacidade de usar formas culturais de expressão e comunicação” com autonomia e criticidade (BUCKINGHAM, 2010, p. 53).

A última ressalva, deve ser pensada através daquilo que Pierre Lévy escreveu no seu clássico *Cibercultura* (1999). O teórico francês se assumiu como um otimista a respeito da internet, mas revela que seu

Otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas sociais e culturais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 1999, P. 11).

Da mesma forma, podemos pensar que as TIC não trarão soluções simples e claras para as questões em aberto da educação. O papel da escola vem mudando com o passar do tempo e, atualmente, abordar essas questões é imprescindível. Assim, a escola pode usar de seu espaço e influência na sociedade promovendo maior integração e desenvolvimento dos educandos no que diz respeito às condições que eles possuem de fazer uma leitura mais inteligente das TIC e uma participação mais efetiva na cultura digital.

Referências

BORGES, Flavia Girardo Botelho. Um olhar rizomático sobre o conceito de letramento digital. *Trab. Linguista. Apl.* v. 55, n. 3, pág. 703-730, dezembro de 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000300703&lng=en&nrm=iso Acesso em 28 de outubro de 2021

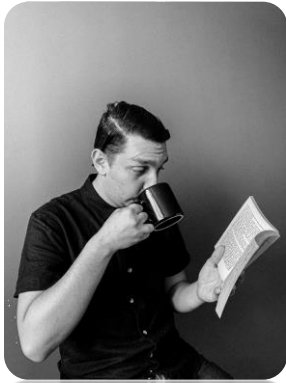
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BUCKINGHAM, D. (2010). Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, 35(3), 37-58.

COSTA, F. A., Rodriguez, C., Cruz, E., Gomes, N., Santos, C., Viana, J. & Fradão, S. (2013). A caminho de uma escola digital IN VII Conferência Internacional de TIC na Educação.

LÉVY, Pierre, *Cibercultura*, São Paulo (SP): Ed. 34, 2010.

SANTAELLA, LÚCIA. *Navegar no ciberespaço*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.



*João Victor Fiorot.

Escritor e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação formado na faculdade de Letras Português/Inglês da Fundação Castelo Branco com pós-graduação em Docência EAD.